

Audiodescrição de Sinais da Libras

Audio describing Signs of the Brazilian Sign Language (Libras)

Manoela Cristina Correia Carvalho da Silva^{*}

Amanda Hora da Silva^{**}

Camila Santos de Jesus^{***}

Resumo: A audiodescrição (AD) traduz imagens em palavras, beneficiando, entre outros, pessoas cegas ou com baixa visão, idosos e autistas. Sua oferta crescente vem fomentando pesquisas em campos ainda pouco explorados. Pouco ou nada se sabe, por exemplo, sobre a AD de línguas de sinais. O presente artigo, portanto, objetiva apresentar as duas fases iniciais de um projeto de pesquisa, desenvolvido a partir do fluxo da Tradução Centrada no Usuário, que visa delinear parâmetros para a AD de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Neste texto, discutiremos sobre a AD de sinais icônicos e de sinais simples. Nossos primeiros achados apontam para a validade da adoção de estratégias como: criar textos curtos e simples; começar o texto indicando quantas mãos serão usadas; adotar uma ordem que facilite a sinalização; incluir comparações; e ter como guia os cinco parâmetros fonológicos da Libras.

Palavras-chave: audiodescrição; Língua Brasileira de Sinais (Libras); acessibilidade midiática; tradução centrada no usuário.

Abstract: Audio description (AD) translates images into words, benefiting, among others, blind and low vision people, the elderly and people with autism. Its increasing availability has been encouraging research in relatively unexplored fields. Little to nothing is known, for example, about the AD of sign languages. This paper, thus, aims to present the two initial stages of a research project, based on the User-Centered Translation process, which seeks to outline parameters for the AD of the Brazilian Sign Language (Libras). Within this text, we discuss the AD of iconic and simple signs. Our initial findings point to the validity of adopting strategies such as: creating short, simple texts; beginning the text by indicating how many hands will be used; adopting an order that facilitates signing; including comparisons; and using the five phonological parameters of Libras as a guide.

^{*} Universidade Federal da Bahia; mcsilva@ufba.br; <https://orcid.org/0000-0002-9613-6783>.

^{**} Universidade Federal da Bahia; amandahs@ufba.br; <https://orcid.org/0009-0002-7595-9200>.

^{***} Universidade Federal da Bahia; esusc@ufba.br; <https://orcid.org/0009-0007-6437-6401>.

Keywords: audio description; Brazilian Sign Language (Libras); media accessibility; user-centered translation.

Introdução

A Audiodescrição (AD) é uma modalidade de tradução intersemiótica que transforma informações transmitidas visualmente em palavras. A AD pode ser usada para a tradução tanto de imagens dinâmicas (filmes, peças de teatro, espetáculos de dança, partidas de futebol etc.), como de imagens estáticas bidimensionais ou tridimensionais (pinturas, tirinhas, esculturas, monumentos etc.).

Para traduzir ambos os tipos de imagem, um roteiro é produzido para que sirva de apoio para um narrador.¹ Por esse motivo, esse roteiro, apesar de escrito, deve soar como um texto oral, pois o objetivo é que esse venha a ser verbalizado através de voz humana ou via softwares computacionais. No caso das imagens dinâmicas, descrições do cenário, figurino, personagens etc., bem como informações sobre mudanças espaçotemporais, são inseridas nas pausas entre diálogos ou nos momentos de silêncio. Já no caso de imagens estáticas, informações como autoria, estilo, dimensão, disposição, cor, textura etc., assim como a verbalização de qualquer texto escrito que acompanhe as imagens (balões em histórias em quadrinhos ou charges, por exemplo) são apresentadas.

A AD é um recurso que pode beneficiar um público bastante amplo, como pessoas com deficiência intelectual (Carneiro, 2015), autistas (Fellowes, 2012), estrangeiros em processo de aprendizagem de uma nova língua, crianças em fase de alfabetização (Snyder, 2008) e idosos (Rai *et al*, 2010). Entretanto, seu público primário é formado por pessoas cegas ou com baixa visão, para as quais a AD funciona como uma fonte de lazer e educação, garantindo inclusão, cidadania e autonomia.

A AD é um direito assegurado por lei. Um dos vários dispositivos jurídicos que preveem o seu uso é a Lei nº 13.146/2015, também conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência. A pressão legal é, inclusive, um dos maiores

¹ Pode-se usar tanto o termo narrador quanto locutor.

fatores para o aumento na oferta do recurso; que ainda continua insuficiente, mas vem crescendo ao longo dos anos.

Esse crescimento também impulsiona as pesquisas. Historicamente, a maior parte dos estudos se debruçaram sobre a AD de imagens dinâmicas, especialmente de filmes e peças de teatro. Mais recentemente, o estudo da AD de imagens estáticas, com enfoque tanto no contexto museológico quanto no educacional, ganhou impulso. No entanto, ainda há muito o que se investigar. A pesquisa sobre a audiodescrição de línguas de sinais, seja ela a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou não, é praticamente inexistente.

Ao utilizarmos as plataformas de busca Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), *Education Resources Information Center* (ERIC) e *Red de Revistas Científicas de America Latina y el Caribe, España y Portugal* (Redalyc), encontramos somente um estudo sobre a temática. A única pesquisa que identificamos por meio dessa busca foi a dissertação de mestrado *Audiodescrição de histórias em quadrinhos em Língua Brasileira de Sinais* (Silva, 2018). Contudo, o referido estudo apenas tangenciava a questão e investigava a criação de roteiros de AD para histórias em quadrinhos em Libras e não a audiodescrição dos sinais dessa língua visuoespacial.

Ao utilizarmos o Google Acadêmico, encontramos o trabalho *Audiodescrição no ensino da Língua Brasileira de Sinais para uma pessoa com baixa visão: uma experiência docente a serviço da educação inclusiva* (Santos; Matos, 2023). Nesse caso, a pesquisa, de fato, se alinhava com a investigação sobre a AD de línguas de sinais, uma vez que relatava uma experiência com o uso da audiodescrição didática em uma turma de ensino de Libras cujas aulas foram ministradas on-line. Entretanto, por se tratar de um relato de um caso específico e se concentrar na audiodescrição de letras do alfabeto, o trabalho ainda não trazia parâmetros gerais para a criação de ADs de sinais da Libras.

Desse modo, para ajudar a preencher essa lacuna, o grupo de pesquisa Tradução e Acessibilidade (TrAce) do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (ILUFBA) decidiu desenvolver um projeto que se debruça sobre essa questão e tem como finalidade investigar como audiodescrever sinais da

Libras. Este artigo tem como objetivo relatar os primeiros achados dessa investigação, que ainda está em andamento. Para tal, o texto foi dividido em seis partes. Na primeira, explicamos a gênese do projeto. Na segunda, detalhamos a metodologia empregada. Na terceira e quarta, apresentamos e discutimos, respectivamente, as ADs dos sinais icônicos e dos sinais simples.² Na quinta, disponibilizamos nossos achados iniciais na forma de um primeiro esboço de parâmetros. Por fim, concluímos o texto com nossas considerações finais.

1. Origem do projeto

A pesquisa acerca da audiodescrição de sinais da Libras foi impulsionada por uma série de eventos ocorridos a partir da pandemia de Covid-19, iniciada em 2019. Naquele momento, as aulas presenciais do ILUFBA foram substituídas por encontros on-line e uma das integrantes do grupo de pesquisa, que trabalhava com Educação Especial e Inclusiva, passou a prestar apoio a uma aluna com deficiência visual numa disciplina de Libras. Como as aulas eram ministradas por meio de uma plataforma de videoconferência, não havia a possibilidade da integrante utilizar o tato e a descrição oral dos sinais foi a única saída encontrada.

Entretanto, apesar de contar com experiência em AD e consultar dicionários de sinais, a profissional enfrentou imensa dificuldade para realizar o trabalho. Um dos principais problemas dos dicionários era o fato de que muitos baseiam-se em informação visual (desenhos, fotografias, composição quirêmica³ ou vídeos) para explicar os sinais. Quando havia alguma explicação verbal de como o sinal era realizado, por vezes, o texto exigia certos conhecimentos prévios que não são necessariamente compartilhados por pessoas com deficiência visual, como o conhecimento do alfabeto manual ou dos números em Libras (“mão em s”, “mão em 1” etc.). Além disso, a

² Os tipos de sinais estudados no projeto serão explicados na seção de metodologia.

³ Combinação de quiremas, ou seja, as unidades mínimas de significação na Libras, sendo elas: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação (O) e expressão facial e corporal (EFC).

profissional percebeu que a seleção dos elementos presentes nos textos verbais, bem como sua ordem, nem sempre eram as mais efetivas para o entendimento da aluna.

Ainda durante esse período, mais precisamente no ano de 2021, um dos eventos mais importantes do ILUFBA, o Seminário de Pesquisa Estudantil em Letras (SEPESQ), contou com o tema “Movimentos no ensino, pesquisa e extensão em Letras: desconstruções e reconstruções, caminhos para a inclusão na Academia”. A temática sensibilizou a Comissão Organizadora do evento sobre a necessidade de tornar o seminário inclusivo. Essa edição, portanto, foi a primeira a permitir apresentações de trabalhos em Libras. Então, para que a participação de alunos surdos fosse incentivada, os organizadores convidaram o Prof. Dr. Bruno Ernsen, um dos docentes surdos do ILUFBA, a gravar um vídeo de divulgação do evento em Libras. Contudo, considerando a heterogeneidade do público que poderia ter acesso ao vídeo, como ouvintes que não soubessem Libras e, até mesmo, surdos oralizados não bilíngues, a Comissão Organizadora buscou voluntários para legendar o vídeo. O TrAce aceitou a tarefa prontamente e, buscando a inclusão do maior número de pessoas possível, decidiu não só legendar o material, mas também realizar a audiodescrição e a audiolegendagem do vídeo.⁴

O trabalho de acessibilização desse material trouxe um desafio especial para o grupo. Isso porque o professor Bruno Ernsen criou um sinal para o SEPESQ naquela edição do evento e o vídeo de divulgação se iniciava com a apresentação desse sinal. O grupo, portanto, precisou audiodescrevê-lo, o que se revelou uma tarefa desafiadora para a equipe, sobretudo devido à falta de investigações sobre essa temática. Como o objetivo era possibilitar ao público com deficiência visual a criação de uma imagem mental da configuração do sinal e do seu movimento, o grupo elaborou a AD partindo dos cinco parâmetros fonológicos da Libras: configuração de mão (e.g. mão aberta, fechada, na forma de alguma das letras do alfabeto manual), ponto de articulação ou locação (e.g. próximo à testa, no dorso da mão), movimento (e.g. circular, reto), orientação (e.g. para cima, para baixo) e expressão facial-corporal (e.g. tristeza, alegria).

⁴ Há uma descrição pormenorizada da experiência no artigo de Silva; Jesus; Soares (2022). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/199974/193369>.

A equipe também adotou a mesma lógica encontrada em dicionários de Libras, como, por exemplo, o Novo Deit-Libras (Capovilla, 2015) ou o Dicionário de Configurações das Mãos em Libras (Ferraz, 2019). No entanto, percebemos posteriormente que essa lógica ainda necessitava de adaptações.

Por fim, todas essas questões promoveram discussões dentro do grupo, que conta com pessoas com deficiência visual entre seus integrantes. Uma dessas pessoas nos deu um testemunho muito importante ao relatar como se sentia ao frequentar eventos nos quais a comunidade surda estava presente e a Libras era usada. Segundo ela, apesar das falas serem traduzidas para o português, a acessibilidade não era total. Sempre que uma pessoa surda se apresentava e falava “Este é o meu sinal”, o audiodescritor não fazia a AD daquele sinal, apresentando apenas a sua descrição física (olhos, cabelo, roupa). Isso a incomodava, pois tinha curiosidade de saber como era feito o sinal daquela pessoa, já que esse é um elemento tão importante dentro da cultura surda.

Todas essas experiências sedimentaram não só o interesse do grupo em investigar a questão, como também demonstraram a relevância de uma pesquisa sobre o tema. Pessoas com deficiência visual convivem com uma ampla gama de indivíduos, inclusive usuários de Libras. Elas frequentam eventos culturais variados, inclusive aqueles promovidos ou estrelados por surdos. Elas trabalham e fazem cursos universitários, inclusive aqueles que têm Libras como disciplina obrigatória. É natural, portanto, que essas pessoas tenham interesse por uma língua que vem ganhando cada vez mais destaque no país. No entanto, como a pandemia de Covid-19 e a consequente exacerbação no uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) nos ensinou, nem sempre é possível utilizar o tato para tornar a Libras acessível a pessoas que não enxergam. Em aulas de Libras on-line ou durante eventos acadêmicos ou culturais nos quais um sinal pessoal seja usado e os tradutores intérpretes de línguas de sinais (TILS) estejam no palco, por exemplo, será necessário traduzir sinais por meio de palavras. Como isso deveria ser feito? Responder a essa pergunta é precisamente o que desejamos alcançar com nosso projeto de pesquisa, cuja metodologia descrevemos a seguir.

2. Metodologia

Este é um projeto ainda em andamento. Todo o trabalho desenvolvido é voluntário e o resultado de um esforço conjunto realizado a partir de uma perspectiva participativa e colaborativa. Integram a equipe executora os seguintes membros do TrAce: (a) a coordenadora do grupo, orientando a elaboração dos roteiros de AD e supervisionando as diferentes etapas da pesquisa; (b) cinco alunas de graduação, atuando como roteiristas;⁵ (c) três especialistas em Libras, prestando consultoria sobre a língua;⁶ e (d) três pessoas com deficiência visual, representando o público cego e com baixa visão e contribuindo com sua *expertise* em consultoria em AD.⁷

As alunas de graduação fizeram cursos de extensão de curta duração sobre AD oferecidos pela coordenadora do grupo, audiodescritora e pesquisadora experiente, e/ou cursaram disciplinas sobre Tradução Audiovisual (TAV) nas quais essa modalidade de tradução foi apresentada. As consultoras e o consultor de Libras são pessoas que atuam com ensino e como tradutores intérpretes (TILS) há vários anos. Já as pessoas com deficiência visual, duas cegas e uma com baixa visão, uma da região Nordeste, uma da região Sudeste e outra da região Sul do Brasil, são usuários de AD e pessoas com experiência profissional em consultoria na área.⁸

Uma vez que acreditamos na centralidade das necessidades e preferências do público-alvo para o processo tradutório, adotamos o fluxo da Tradução Centrada no Usuário (TCU), do inglês *User-Centered Translation* (UCT), uma abordagem funcionalista em Tradução apresentada pelas autoras finlandesas Tytti Suojanen, Kaisa Koskinen e Tiina Tuominen (2014). Desse

⁵ À época da redação deste artigo, a aluna Manoela Nunes de Jesus já havia se formado, deixando o grupo. Permanecem no projeto as alunas Amanda Hora da Silva, Camila Santos de Jesus, Elaine Alves Soares e Fernanda Farias Oliveira.

⁶ O Prof. Me. João Ricardo Bispo Jesus, a Profa. Ma. e técnica-administrativa Thalita Chagas Silva Araújo e a técnica administrativa Ma. Vanessa de Almeida Moura.

⁷ José Ednilson Almeida do Sacramento, Manoel José Passos Negraes e Maria Carlota de Alencar Pires.

⁸ Este estudo não é uma pesquisa de recepção, mas um estudo exploratório inicial. Todos os envolvidos, mesmo aqueles com alguma deficiência, participam na condição de pesquisadores, contribuindo ativamente nas diferentes fases do estudo. Posteriormente, ao final do projeto, os parâmetros desenhados poderão ser submetidos a pesquisas de recepção.

modo, os trabalhos são realizados em ciclos de cinco etapas: (a) especificação dos sinais a serem audiodescritos; (b) redação da primeira versão das ADs; (c) consultoria com os especialistas em Libras; (d) ajustes dos roteiros com base no *feedback* desses especialistas; (e) submissão dos textos corrigidos ao crivo de pessoas com deficiência visual; e (f) redação da versão final das ADs.⁹

A primeira etapa de cada ciclo é dedicada à especificação, ou seja, à escolha dos elementos que integrarão cada bateria de sinais. Nessa etapa, com base na *expertise* dos TILS integrantes da equipe, é feita uma reflexão em grupo sobre critérios técnicos, como o grau de complexidade, frequência de uso, nível de variação etc. para embasar as escolhas feitas.¹⁰

Após a seleção dos sinais, os TILS realizam a gravação de vídeos sinalizando e explicando os pontos que consideram mais relevantes para audiodescrever cada sinal. Então, os vídeos são enviados para a coordenadora do grupo e repassados para as estudantes de graduação, que os utilizam como base para a produção do esboço da primeira versão das ADs.

Em seguida, a coordenadora analisa esse material. Em reunião com todo o grupo de pesquisa, inclusive com integrantes que não fazem parte da equipe executora, ela discute as escolhas tradutórias adotadas e constrói uma nova versão para as ADs. Essa versão emerge das discussões realizadas e de uma espécie de pré-teste. Os integrantes do TrAce que não estão envolvidos no projeto e não conhecem os sinais tentam sinalizar a partir da leitura dos textos, apontando eventuais problemas.¹¹ O novo texto construído a partir dessa reunião é, então, enviado aos especialistas em Libras para análise e *feedback*. Com base nesse *feedback*, uma nova versão da AD é produzida.

De posse dessa nova versão, os consultores cegos e com baixa visão analisam a redação dos textos (clareza, concisão etc.) e realizam a gravação

⁹ Para mais um exemplo de trabalho baseado no ciclo da TCU, ver Silva (2024), disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/52287/41686>.

¹⁰ Como qualquer língua, a Libras também apresenta variação linguística. No entanto, trabalhar as diferentes formas possíveis de um sinal foge ao escopo do projeto. Por isso, os TILS apresentam ao restante da equipe executora apenas uma variante de cada sinal escolhido.

¹¹ Os resultados desse pré-teste não são necessariamente os mesmos que seriam alcançados junto a pessoas com deficiência visual, visto que as necessidades e preferências de videntes e pessoas cegas ou com baixa visão não são as mesmas. No entanto, esse procedimento é útil para apontar problemas de redação que tornem o texto confuso, nos ajudando a corrigi-los antes da submissão aos consultores em AD.

de vídeos¹² tentando executar os sinais descritos nas ADs. Os comentários dos consultores, bem como os vídeos gravados por eles, são, então, enviados à coordenadora e repassados às estudantes, que os discutem em grupo.

Após essa discussão, toda a equipe executora (TILS, consultores em AD, estudantes e coordenadora) faz uma reunião on-line¹³ para a realização dos últimos ajustes. Nessa ocasião, como representantes do público-alvo, os consultores têm a oportunidade de esclarecer eventuais dúvidas, apresentar comentários, verbalizar o que acharam fácil ou difícil de fazer na AD e propor sugestões. Do mesmo modo, a coordenadora e as estudantes podem fazer perguntas mais específicas sobre a eficácia das estratégias adotadas e tentar traçar generalizações com o suporte tanto dos consultores como dos TILS. Por fim, com base nas discussões realizadas nesse encontro, a versão final da AD é elaborada.

O projeto se divide em fases nas quais são estudados diferentes tipos de sinais. Os quatro tipos iniciais são: icônicos, simples, complexos e expressivos.¹⁴ Entendemos os sinais “icônicos” como aqueles que têm uma relação de semelhança com o seu referente, como o sinal de “morar”, que lembra o telhado de uma casa.¹⁵ Chamamos de sinais “simples” aqueles que não têm essa natureza icônica, mas, em contrapartida, também não apresentam movimentos de difícil execução, como o sinal de “poder”.¹⁶ Os sinais “complexos” são aqueles caracterizados por movimentos mais elaborados que podem envolver mais de uma mão. Muitas vezes, eles exigem a combinação de mais de um sinal, como “escola”,¹⁷ por exemplo, que une as ideias de “casa”¹⁸ e “estudar”.¹⁹ Já os sinais “expressivos” são aqueles que demandam maior grau de expressividade facial e variam em intensidade, como o sinal de “medo”.²⁰

¹² Essa estratégia, além de permitir a participação da consultora e do consultor que residem em outros estados, também possibilita que se assista à sinalização diversas vezes, garantindo maior precisão à análise.

¹³ Para possibilitar a participação da consultora e do consultor que não moram na Bahia.

¹⁴ Essa classificação foi criada pela coordenadora do projeto apenas para demarcar as características gerais dos diferentes sinais trabalhados em cada etapa. Outros tipos de sinais serão estudados em fases posteriores.

¹⁵ Para visualizar o sinal de “morar”, consultar: <https://youtu.be/6DRleV1drmE>.

¹⁶ Para visualizar o sinal de “poder”, consultar: https://youtu.be/wzLLCI_YtdM.

¹⁷ Para visualizar o sinal de “escola”, consultar: <https://youtu.be/oAJT0ec56lA>.

¹⁸ O sinal usado para casa é o mesmo utilizado para o sinal de “morar”.

¹⁹ Para visualizar o sinal de “estudar”, consultar: <https://youtu.be/2Psk6x-OjqY>.

²⁰ Para visualizar o sinal de “medo”, consultar: <https://youtu.be/ijz8kicCXyQ>.

Atualmente, o projeto encontra-se na fase de estudo dos sinais expressivos. Neste artigo, descrevemos a fase na qual nos debruçamos sobre a AD dos sinais “icônicos” e “simples”. Naquele momento, trabalhamos com os sinais icônicos “Carro/Dirigir”, “Casa/Morar” e “Beber” e os sinais simples “Dia”, “Tarde” e “Noite”. A seguir, apresentamos os principais desafios encontrados para audiodescrever esses sinais e as estratégias tradutórias utilizadas para vencer esses problemas.

3. AD dos sinais icônicos

No primeiro ciclo da fase inicial do projeto, trabalhamos com os sinais icônicos. Naquele momento, apenas duas alunas de graduação atuavam como roteiristas.²¹ Baseadas nos vídeos enviados pelos TILS e em suas falas sobre todos os pontos relevantes para uma boa execução daqueles sinais, essas voluntárias construíram a primeira versão das ADs, sendo elas:

Carro/Dirigir²²: O sinal de “carro” ou “dirigir” é feito com as mãos fechadas e o dorso voltado para frente. Os punhos fazem um movimento alternado, de sobe e desce, como se estivessem guiando um volante.

Casa/Morar: O sinal de “casa” ou “morar” é feito com as mãos abertas e os dedos unidos. As palmas das mãos estão de frente uma para a outra e as pontas dos dedos se tocam duas vezes, se assemelhando ao telhado de uma casa.

Beber²³: O sinal de “beber” é feito com a mão fechada e o polegar levantado, parecendo um “joinha”. A mão vai em direção à boca e a cabeça acompanha, inclinando levemente para trás, como se estivesse tomando uma bebida.

As alunas perceberam a importância de evitar, quando possível, o uso de expressões como “mãos em B” e adotaram a estratégia de descrição da configuração de mãos associada a comparações com elementos do dia-a-dia. Elas também procuraram descrever a configuração antes do movimento em si.

²¹ Elaine Alves Soares e Manoela Nunes de Jesus.

²² Para visualizar o sinal de “carro/dirigir”, consultar: <https://youtu.be/kG9IzmlNX2k>.

²³ Para visualizar o sinal de “beber”, consultar: <https://youtu.be/9EWDryAOVRk>.

Após a revisão da coordenadora, poucas mudanças (sublinhadas) foram realizadas:

Carro/Dirigir: O sinal de “carro” ou “dirigir” é feito com as mãos fechadas e o dorso voltado para frente. As mãos fazem um movimento alternado, de sobe e desce, como se estivessem guiando um volante.

Casa/Morar: O sinal de “casa” ou “morar” é feito com as mãos abertas e os dedos unidos, simulando o telhado de uma casa. As palmas das mãos estão de frente uma para a outra e as pontas dos dedos se tocam duas vezes.

Beber: O sinal de “beber” é feito com a mão fechada e o polegar levantado, lembrando o gesto de “joinha”. A mão vai em direção à boca e a cabeça acompanha, inclinando levemente para trás, como se estivesse tomando uma bebida.

As poucas mudanças realizadas tiveram caráter estilístico (a troca de “parecendo” por “lembrando” e “se assemelhando” por “simulando”) ou visavam deixar o texto mais claro a partir do que foi observado no pré-teste. A substituição de “punhos” por “mãos” procurava evitar uma execução errônea do movimento, na qual apenas os punhos se mexessem. Já a antecipação da expressão “simulando o telhado de uma casa” pretendia deixar a configuração de mãos mais clara (levemente inclinadas) para que o movimento fosse executado com as mãos já posicionadas do modo correto.

Ao analisar os textos revisados, os especialistas em Libras sugeriram algumas alterações na AD de “Carro/Dirigir”, que não chegaram a ser incorporadas. A primeira delas foi a substituição ou omissão da palavra “dorso”. Nesse caso, “dorso” poderia ser substituído por “costas das mãos”. No entanto, o uso da palavra “dorso” permitia a criação de um texto que, além de preciso, era mais enxuto – algo muito importante em AD – e também elegante, por não conter a repetição da palavra “mãos”. Além disso, a omissão de “dorso” poderia levar o público-alvo a posicionar as mãos com as palmas uma de frente para a outra.

Os TILS também sugeriram usar “semicircular” em vez de “sobe e desce”. Porém, quanto mais coloquial e simples a linguagem, mais pessoas poderiam entender o texto. O uso de “semicircular” poderia caracterizar o movimento com maior precisão, mas também traria o risco de deixar a AD mais confusa.

Supúnhamos que a comparação com o “guiar de um volante” seria suficiente para evitar um movimento vertical de sobe e desce. Optamos, então, por testar essa hipótese junto aos consultores em AD.

Por fim, os TILS também questionaram o fato de nenhuma das ADs mencionarem que o movimento seria realizado na frente do corpo. Justificamos que essa escolha havia sido feita em prol de textos mais enxutos e por acreditarmos que o público-alvo naturalmente iria tentar sinalizar no espaço neutro. Assim, julgávamos que informações sobre o ponto de articulação/locação só deveriam ser mencionadas quando isso fosse diferente. Decidimos, então, testar mais essa hipótese, mantendo as ADs como estavam e observando os resultados da etapa seguinte.

Desse modo, enviamos as três ADs aos integrantes do TrAce com deficiência visual e aguardamos o seu *feedback*. Eles não indicaram nenhuma necessidade de alteração na redação das ADs e não tiveram dificuldade ao sinalizarem a partir dos textos. É importante aqui ressaltar que o objetivo do projeto não é que pessoas com deficiência visual venham a aprender Libras a partir das audiodescrições, nem que a sinalização feita com base em nossos textos seja perfeita. As ADs dos sinais têm o propósito de ajudar essas pessoas a construírem imagens mentais o mais semelhantes possível dos sinais reais e, caso haja interesse, auxiliar a aprendizagem da Libras mediada por instrutores. Os vídeos enviados pela consultora e pelos consultores nos mostraram que isso havia ocorrido.²⁴ Então, a partir de uma discussão realizada em uma reunião com todo o grupo TrAce, além da equipe executora, as ADs criadas foram estabelecidas como a versão final.

4. AD dos sinais simples

No segundo ciclo da fase inicial do projeto, trabalhamos com os sinais simples. Naquele momento, todas as cinco alunas de graduação atuavam como roteiristas. Com o aumento da equipe, decidimos mudar um pouco a dinâmica

²⁴ A título de exemplificação, apresentamos a execução dos sinais feita pelo consultor Manoel Negraes, uma pessoa com baixa visão: <https://youtube.com/shorts/53fhKURYjUI>

de criação dos textos iniciais para permitir às graduandas a oportunidade de praticar um pouco mais. Assim, elas criaram ADs para os sinais individualmente e, mais tarde, reuniram-se em um ambiente virtual para escrever uma única AD para cada sinal. A versão produzida em conjunto foi a seguinte:

Dia²⁵: O sinal de “dia” é feito com a mão na vertical e de lado. A mão está com o dedo indicador levantado e as pontas dos outros dedos tocam o polegar, como se formassem um círculo. A mão faz um movimento de arco para cima, indo do ombro oposto até o outro.

Tarde²⁶: O sinal de “tarde” é feito com a palma para frente e os dedos unidos, posicionada um pouco acima dos ombros. A mão desce com o antebraço para frente, até parar na altura do peito.

Noite²⁷: O sinal de “noite” é feito com uma das mãos fechada e na horizontal. A outra mão está com a palma à mostra e os dedos unidos. Ela desliza para frente pelo dorso da mão fechada, indo de uma extremidade a outra.

Do mesmo modo que no primeiro ciclo, os textos foram analisados pela coordenadora e discutidos com a presença dos demais membros do TrAce. A discussão, juntamente com o pré-teste, gerou alterações (sublinhadas) e as ADs passaram a ser:

Dia: O sinal de “dia” é feito com a mão na vertical e de lado, formando a letra “d” em Libras. O indicador está levantado e as pontas dos outros dedos tocam o polegar formando um círculo. A mão se posiciona à frente do ombro oposto e faz um movimento de arco para cima, de ombro a ombro.

Tarde: O sinal de “tarde” é feito com a palma para frente e os dedos unidos. A mão está posicionada um pouco acima dos ombros e desce, com o antebraço, para frente, até parar na altura do peito.

Noite: O sinal de “noite” é feito com uma das mãos fechada e na horizontal na altura do peito. A outra mão está com a palma à mostra e os dedos unidos. Ela desliza para frente sobre o dorso da mão fechada, indo de uma extremidade a outra.

²⁵ Para visualizar o sinal de “dia”, consultar: <https://youtu.be/yEVQslpcFXU>.

²⁶ Para visualizar o sinal de “tarde”, consultar: <https://youtu.be/acilD9ebqV0>.

²⁷ Para visualizar o sinal de “noite”, consultar: <https://youtu.be/xX8oFg13dxU>.

A primeira modificação trouxe o acréscimo do trecho “formando a letra ‘d’ em Libras” à audiodescrição do sinal de “dia”. A inclusão visava trazer algum tipo de comparação ao texto; algo pontuado como extremamente positivo pelos consultores em AD no ciclo anterior. Supúnhamos que essa comparação poderia sanar possíveis dúvidas quanto à configuração da mão. Mesmo assim, a expressão só foi incorporada porque a letra “d” em Libras tem semelhança com a letra “d” do português e porque a frase seguinte explicava em detalhes como a mão estaria configurada. O uso de uma expressão como essa sem uma explicação não seria recomendado.

A próxima alteração no texto da AD de “dia” (“à frente do ombro oposto”) visava trabalhar melhor o posicionamento da mão, possibilitando que o movimento pudesse ser executado a partir do ponto certo. O mesmo ocorreu com as ADs de “tarde” (“A mão está posicionada um pouco acima dos ombros”) e de “noite” (“na altura do peito”). Essa preocupação, além de aludir aos parâmetros da Libras, respeitava princípios da AD. Em textos audiodescritos, informações ligadas ao “onde” ganham destaque; muitas vezes sendo deslocadas para o início das sentenças (Ex.: “No canto superior direito, o logotipo da UFBA”, “Logo abaixo, o desenho de uma casa” ou “No hotel, Paulo e Maria conversam”).

As demais alterações ocorreram por questões estilísticas, no caso da substituição de “indo do ombro oposto até o outro” por “de ombro a ombro” na AD de “dia”, ou numa tentativa de agregar precisão, no caso da mudança de “pelo dorso” para “sobre o dorso” na AD de “noite”.

Após a reunião do grupo, as ADs alteradas foram enviadas aos TILS. Como não houve solicitações de modificações a serem incorporadas aos textos, as mesmas versões foram enviadas aos consultores em AD. Dessa vez, no entanto, ao analisarmos os vídeos enviados, observamos alguns problemas na execução de dois sinais: “tarde” e “noite”.²⁸

No caso do sinal de “tarde”, observamos que o movimento era muitas vezes executado de maneira abrupta e lateralmente, na frente do peito.

²⁸ A título de exemplificação, apresentamos uma das execuções iniciais do sinal de noite feita pelo consultor Manoel Negraes: <https://youtu.be/A-8t6aSgC2g>.

Cogitamos, então, mencionar que o movimento seria feito mais devagar e substituir o trecho “até parar na altura do peito”.

No caso do sinal de “noite” houve mais problemas. A qualidade da gravação de um dos vídeos não nos permitiu visualizar a sinalização. Nos demais, nem a consultora nem o consultor conseguiram acertar a posição ou o movimento das mãos. A mão de base não foi posicionada de lado, mas de frente, e, enquanto a consultora não deslizou a mão ativa sobre a de base, o consultor a deslizou mais de uma vez. Alguns dos problemas pareciam ser advindos de falhas na redação e outros da falta de uma leitura mais atenta. Assim, resolvemos trabalhar essas questões na reunião geral do grupo.

Nessa ocasião, com a presença da equipe executora e dos demais integrantes do TrAce, relemos os textos das ADs de “tarde” e “noite” para os consultores e, a partir de nossa leitura, eles tentaram sinalizar novamente. Dessa vez, o número de problemas foi menor e os próprios consultores reconheceram certa falta de atenção no momento da gravação dos vídeos. Contudo, também foi possível notar a necessidade de alterações nos textos. A presença das duas intérpretes da equipe de especialistas em Libras foi fundamental nesse momento. Além de guiarem os consultores na execução correta dos sinais, o que nos possibilitou discutir em detalhes como corrigir os textos, elas também contribuíram com sugestões muito interessantes para a redação final das ADs, que passou a ser:

Dia: O sinal de “dia” é feito com uma mão. Ela está na vertical e de lado, formando a letra “d” em Libras. O indicador está levantado e as pontas dos outros dedos tocam o polegar formando um círculo. A mão se posiciona à frente do ombro oposto e faz um movimento de arco para cima, de ombro a ombro.

Tarde: O sinal de “tarde” é feito com uma mão. Ela está com a palma para frente e os dedos unidos. A mão está posicionada um pouco acima dos ombros e desce lentamente, com o antebraço, para frente, até ficar na horizontal.

Noite: O sinal de “noite” é feito com as duas mãos. A primeira está fechada e na horizontal na altura do peito. A outra está próxima ao peito, atrás da primeira, com a palma voltada para frente e os dedos unidos, formando uma

concha. A segunda mão desliza para frente sobre o dorso da primeira, indo do polegar ao dedo mínimo.

Como resultado das discussões ocorridas na reunião geral, descobrimos a importância de iniciar as ADs mencionando o número de mãos a serem usadas. Isso motivou a alteração da frase inicial da AD de todos os três sinais. Além disso, confirmamos que a adição de “lentamente” e a mudança de “até parar na altura do peito” para “até ficar na horizontal” resolveriam os problemas na execução do sinal de “tarde”. Por fim, realizamos diversas alterações na AD do sinal de “noite” para deixar claro quando estávamos falando da mão de base e da mão ativa; para incluir uma comparação a fim de ajudar na configuração da mão ativa; e para posicionar cada mão de maneira correta antes da realização do movimento.

5. Achados iniciais

Os dois ciclos descritos neste artigo, nos quais trabalhamos os sinais icônicos e simples, se constituem apenas nos primeiros passos de nosso projeto. Entretanto, com base no que pudemos observar até o momento, certas estratégias parecem tornar as ADs mais efetivas. São elas:

1. **Manter os textos o mais curto e simples possível.** Evite linguagem rebuscada ou técnica. Só utilize expressões como “mão em d”, por exemplo, se a configuração da mão lembrar a letra em português e a expressão vir seguida de uma explicação para dirimir dúvidas. Para tornar os textos mais enxutos, também omita a menção de que o sinal é realizado na frente do corpo, uma vez que essa é a tendência natural;
2. **Indicar quantas mãos serão necessárias para realizar o sinal.** Forneça essa informação logo no início do texto e, caso mais de uma mão seja necessária, tenha especial cuidado para que fique claro quando se está falando de cada uma;

3. **Adotar uma ordem que facilite a execução do sinal.** Descreva a configuração de cada mão, a posição em que cada uma está e, por fim, o movimento;
4. **Incluir comparações.** Sempre que possível, use comparações com elementos do cotidiano para tornar as descrições mais fáceis de entender;
5. **Usar os cinco parâmetros fonológicos da Libras como guia para a criação dos textos.** Nem sempre todos eles (configuração da mão, ponto de articulação ou locação, movimento, orientação e expressão facial-corporal) serão mencionados explicitamente, mas é preciso que um número suficiente deles seja trabalhado para garantir a execução o mais correta possível do sinal.

É importante aqui ressaltar que esse primeiro esboço de parâmetros para a audiodescrição de sinais de Libras ainda está longe de ser uma lista fechada e definitiva, uma vez que o projeto ainda se encontra em andamento. É necessário que sinais com características diferentes sejam audiodescritos e que essas estratégias sejam novamente testadas em outras fases do estudo. De qualquer modo, também é preciso frisar que qualquer lista de parâmetros que viermos a criar jamais deverá ser encarada como um rol de regras, mas como princípios norteadores. A audiodescrição de cada sinal demandará estratégias específicas. Os parâmetros funcionarão como princípios a serem adaptados às especificidades de cada tarefa tradutória.

Considerações Finais

O presente artigo buscou apresentar as fases iniciais de um projeto de pesquisa que visa delinear parâmetros para a audiodescrição de sinais de Libras. Esse estudo nasceu da escassez de referências sobre o assunto e do desejo de contribuir para que pessoas com deficiência visual possam ter a oportunidade

de se aproximar de maneira mais efetiva da cultura e comunidade surdas através de sua língua, a Libras.

Neste texto, detalhamos os dois primeiros ciclos da etapa inicial do projeto, quando estudamos como audiodescrever sinais que têm uma natureza de semelhança com seu referente (icônicos) e aqueles cujos movimentos não demandam uma execução muito complexa (simples). Apresentamos também alguns achados iniciais que incluem estratégias como, por exemplo, a menção inicial de quantas mãos são necessárias para a sinalização, o uso de comparações e a necessidade da descrição da configuração e da posição das mãos antes de qualquer referência a movimentos. Esses achados ainda precisam ser confirmados e complementados pelos estudos a serem desenvolvidos nas etapas seguintes do projeto, mas já constituem um exemplo do que esperamos alcançar ao fim de nosso trabalho.

Esperamos que nosso texto estimule iniciativas semelhantes, a fim de que, não só pesquisas em audiodescrição possam ser enriquecidas, mas também o diálogo entre pesquisadores, tradutores, intérpretes e pessoas com diferentes necessidades específicas se intensifique. Assim, teremos mais chances de superar qualquer barreira comunicacional, inclusive aquelas que separam indivíduos com perfis diferentes, como pessoas surdas e pessoas com deficiência visual; bem como conseguiremos preparar melhor aqueles profissionais que atendem esses indivíduos.

Referências

- BRASIL, 2015, Lei n. 13.146, de 6 de jul. de 2015. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm. Acesso em: 07 mar. 2025
- CARNEIRO, B. C. dos S. **Repensando o roteiro de audiodescrição para o público com deficiência intelectual**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27228>. Acesso em: 30 out. 2025

- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURÍCIO, A. C. L. **Novo DEIT-Libras** - Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras). 3. ed. rev. e amp. São Paulo: EdUSP, 2015.
- FELLOWES, J. Espectro autístico, legendas e áudio-descrição. Tradução de Tereza R. Gomes. **Revista Brasileira de Tradução Visual**, n. 13, [S. l.], 2012.
- FERRAZ, C. L. M. **Dicionário de configuração de mão em Libras**. Cruz das Almas: UFRB, 2019.
- RAI, S. *et al.* **A comparative study of audio description guidelines prevalent in different countries**. Londres: Media and Culture Department; Royal National Institute of Blind People, 2010.
- SANTOS, A. da P.; MATOS, E. O. Audiodescrição no ensino da Língua Brasileira de Sinais para uma pessoa com baixa visão: Uma experiência docente a serviço da educação inclusiva. **Benjamin Constant**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 66, 2023. Disponível em: <https://revista.ibc.gov.br/index.php/BC/article/view/911>. Acesso em: 17 mar. 2025
- SILVA, A. T. C. da. **Audiodescrição de histórias em quadrinhos em língua brasileira de sinais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/32946>. Acesso em: 14 mar. 2025
- SILVA, M. C. C. C. da; JESUS, M. N.; SOARES, E. A. Práticas tradutórias em TAVA: a associação de Libras, LSE, AD e audiolegendagem no vídeo de divulgação do XIV SEPESQ. **TRADTERM**, v. 42, p. 163-180, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/199974/193369>. Acesso em: 30 out. 2025.
- SILVA, M. C. C. C. da. Tradução centrada no usuário e formação em tradução audiovisual acessível: um estudo de caso. **Belas Infiéis**, Brasília, Brasil, v. 13, n. 1, p. 01-20, 2024. DOI: 10.26512/belasinfiéis. v13. n1. 2024. 52287. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/52287>. Acesso em: 07 mar. 2025
- SNYDER, J. Audio description: the visual made verbal. In: Díaz, J. C. (ed.). **The didactics of audiovisual translation**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2008: 191-198.
- SUOJANEN, T.; KOSKINEN, K.; TUOMINEN, T. **User-Centered Translation**. Londres: Routledge, 2014.